

O DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO E A CRIAÇÃO DA CIDADANIA NA GRÉCIA

JUSSEMAR WEISS GONÇALVES^{*}

RESUMO

O artigo trata da importância do desenvolvimento do comércio e do artesanato para a criação da cidadania grega ateniense.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania, artesanato, artesão, comércio, isonomia, técnica.

Podemos notar que, na região do Oriente Médio, a questão do desenvolvimento do artesanato assume características bem particulares, já que revela a natureza dessas sociedades. Pode-se dizer que, tomando o caso de Egito, mostra-nos uma construção na qual o crescimento do artesanato se realiza a partir de um vínculo com o estado.

Sem possibilidade de crescimento livre, o artesão torna-se um trabalhador ligado ao templo ou ao palácio, construindo uma obra para esses setores, pois não havia espaço para circulação intersocial, o que levaria a uma penetração cujo resultado poderia ser a diversidade no interior das aldeias. Toda a produção se faz para a satisfação desses grupos, cujas necessidades são sanadas por esses trabalhadores. Construir templos, palácios, cidades, esculturas, desenhar, pintar, são os trabalhos que os artesãos realizam a partir de uma estrutura palaciana, que os sustenta, isto é, os artesãos tornam-se praticamente funcionários dessas estruturas, já que nas aldeias não existe de forma clara a separação entre o trabalho artesanal e o agrícola, e não há, também, uma circulação de mercadorias que possa permitir ao artesão viver exclusivamente de seu trabalho. Mesmo na Mesopotâmia, onde se afirma existir movimento comercial com certa intensidade, os artesãos, também, estavam sujeitos a estruturas produtivas ligadas aos palácios e templos. Talvez não seja errado afirmar que nessas sociedades a ausência de um setor produtivo que se desenvolvesse livre da gerência de uma estrutura de poder revela o caráter hierárquico das relações

^{*} Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – FURG

políticas. Sem possibilidades de crescer a partir de seus próprios esforços, conformando um grupo particular com interesses singulares, os artesãos nessas sociedades não estavam ligados a nenhum movimento que levasse a algum tipo de superação do sistema. Esse estado de coisas mostra, por um lado, a particularidade do caso grego, e por outro, mostra como a relação de artesãos livres e comércio pode ensejar, mesmo no mundo antigo, processos de ruptura com estruturas aristocráticas de poder.

O CASO GREGO

A partir do século XI a. C. no continente grego observamos uma profunda transformação nas relações de trabalho, impulsionada pela transformação técnica que a partir do uso do ferro propicia considerável aumento da produção. A utilização do ferro na agricultura e em toda a vida artesanal leva a um crescimento da produção de artigos de uso comum. Essa transformação tecnológica, acrescida da dissolução de um regime claramente aristocrático, levou à criação de uma ligação social de outra natureza, nova certamente, que permitiu a institucionalização do artesanato e da primitiva idéia de autarquia, muito cara aos gregos. O crescimento técnico, uma organização mais precisa do trabalho coletivo e o desenvolvimento de uma forma embrionária de concorrência profissional revelam os sinais desta evolução que se tornou possível, de um lado, pelo progresso material considerável na fabricação de produtos, e de outro, pela formação, especialização dos artesãos, que comporiam verdadeiros corpos de especialistas, levando à criação de um grupo de trabalhadores nas cidades gregas no decorrer do século VIII a. C.

Podemos situar entre os anos 700 e as guerras médicas a fase principal dessas transformações industriais e sociais, cujo efeito mais notável é a criação de um comércio artesanal pujante e livre das garras do Estado, palácio ou templo. O período entre os séculos VII e VI foi de crescimento e progresso rápido. É a época no qual o movimento de expansão colonial se acentua e os portos da Lônia, Eubéia, do istmo de Corinto realizam contatos através do mar, unindo as extremidades da terra com o mundo grego. Um sistema regular de exportação e importação estabelece de cidade a cidade, ou mesmo de impérios a cidades livres, rotas comerciais pelas quais circulam produtos e matérias-primas. Mileto envia móveis e estofados para a Itália; Corinto e Atenas vendem longe suas cerâmicas; a ilha de Cálcis, seus objetos em metal. A existência de um processo de crescimento generalizado no universo do Mediterrâneo torna necessário o desenvolvimento intenso

da produção. Essa expansão do comércio pelo Mediterrâneo ocidental e oriental resulta, também, em crescimento do artesanato. Na Grécia o desenvolvimento do comércio gera crescimento da produção artesanal¹. Os processos migratórios, a fundação de empórios e de rotas comerciais surgem em decorrência da multiplicação de produtos e das artes artesanais, já que essa expansão leva ao aumento da fabricação, como também o processo civilizador em curso no momento engendra novos gostos e, em consequência, a necessidade da especialização do trabalho como condição fundamental para manter essa expansão. O papel econômico e social do artesanato e do artesão nesse momento da história grega é central no sentido em que sua intervenção se torna mais e mais necessária e constante. É preciso notar que esse progresso técnico, impulsionado pelo comércio que se expande por todo o Mediterrâneo, acarreta novas exigências da vida, o gosto mais elaborado, a busca pelo conforto, e para sua realização necessita do emprego de uma mão-de-obra profissional, como também leva à constituição de novas especializações e à criação de uma linha de demarcação entre as profissões.

O que se nota na sociedade grega do século VI em diante é uma mudança notável na organização do trabalho artesanal, que se descola de uma vez por todas de uma relação patriarcal, produzindo para alguém que detém a matéria-prima e deseja um produto para seu uso ou para comercializar. Os artesãos não são mais vistos como hábeis homens ligados aos deuses, os demiurgos² que fazem todas as atividades artesanais indiferentemente da matéria-prima usada na confecção. Aumenta o número de artesãos nas cidades e a sua intervenção na fabricação de objetos de uso pelos cidadãos. A especialização do artesão em decorrência do crescimento das atividades mercantis e do gosto, já citado acima, torna possível a criação de um mundo no qual o trabalho artesanal não fica subordinado aos desejos do rico proprietário agrário. Dessa forma, a sociedade reconhece o artesão³ como um elemento necessário a seu crescimento, não apenas econômico, mas também político, a despeito do particularismo dos proprietários agrários que atrasavam o desenvolvimento das cidades.⁴

Em comparação aos períodos anteriores da história grega, os

¹ GLOTZ, Gustave. *Le travail dans la Grèce ancienne*. Paris: Alcan, 1920, p. 234.

² HOMÈRE. *Iliade*. Paris: Belle Lettres, 1956. Texto estabelecido e traduzido por Paul Mazol.

³ FRONTISI-DUCROUX. *Dédale: mythologie de l'artisan en Grèce Ancienne*. Paris: Maspero, 1975

⁴ WALTZ, Pierre. Les artisans et leur vie em Grèce. *Revue Historique*, t. 118, p. 5-41, 1914.

séculos VII e VI são caracterizados pela constituição de um número notável de novas especializações. Essa eclosão se deveu, talvez, a causas bem distintas: as conquistas feitas pelo artesanato em relação ao trabalho escravo, a descoberta de matérias novas ou de novos produtos, enfim uma divisão de ofícios mais acentuada. Entre as tarefas que antes eram realizadas por pessoas sem especialização e que se tornam a partir de então função dos artesãos especialistas, podemos citar: a indústria têxtil, a fabricação de pães, a perfumaria, sapataria, a arte do cabeleireiro. O que se nota é a transformação desses trabalhos feitos por pessoa a partir de uma perspectiva não-profissional em especializações. Em segundo lugar, a criação de novas profissões, que talvez tenha se tornado possível ou necessária, seja pela descoberta e o progresso da civilização, seja pelas condições novas da existência. Sem a difusão da escrita, a invenção das artes plásticas, a Grécia não poderia ter visto crescer os artesãos gravadores, fabricantes de lápides, pintores. Ao mesmo tempo as mudanças na ordem social favoreciam ou exigiam a instituição da figura do revendedor, o intermediário, e o comércio de gêneros alimentícios. Pode-se imaginar, em época anterior, a dificuldade para um fabricante levar diretamente seus produtos a um cliente em zonas distantes, sem a figura do intermediário. É possível que nesse período as pessoas do povo tivessem que ter recursos para comprar seus alimentos de profissionais.

A divisão dos ofícios se torna a cada dia mais profunda, transformando os trabalhos particulares em especializações particulares. Assim, necessidades diversas que estavam englobadas em uma mesma indústria passam, agora, a ser satisfeitas por artesãos específicos. Os trabalhos em ourivesaria, a bijuteria, indústria bélica, a serralheria, antes desse período, eram realizadas por um artesão-ferreiro. A construção naval se desliga da carpintaria e da marcenaria, o trabalho com a lã separa-se em várias tarefas sucessivas feitas por artesãos específicos. Os trabalhos com a pedra também passam por um processo de distinção de ofícios, pois os construtores de túmulos com suas técnicas encontram-se limitados diante das novas exigências. A decoração de vasos já não é mais trabalho do trabalhador em argila.

Essa divisão interna a cada trabalho resulta do aumento da demanda, do crescimento do número de trabalhadores, do consumo, da concorrência. O fenômeno do aumento progressivo da especialização no mundo do trabalho é mais visível nas grandes cidades do que nas pequenas⁵. Esse movimento era naturalmente favorecido pela

⁵ JENOFONTE. *La Ciropedia de Jenofontes*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1947, VIII, 2, 5.

existência ou pela criação de especializações locais; à medida que se expandia a reputação das cadeiras fabricadas na Tessália, as camas de Quios ou as louças de Maratona, essas localidades participavam de um circuito comercial que envolvia todo o Mediterrâneo. Dessa forma, os produtos mais bem-elaborados eram obtidos a partir de uma prática específica constituída através da fabricação de um único produto, de um artigo determinado⁶. A literatura traz referências a essa crescente especialização do artesanato; os poetas líricos elogiam as espadas fabricadas nas ilhas calcídias, as armas de Argos, os barcos e carros da Sicília, os calçados da Lídia, o que permite afirmar-se que mesmo antes das guerras médicas existiam indústrias locais no mundo grego.

Até agora escrevemos sobre o crescimento do artesanato e o aumento da especialização no trabalho do artesão, percebemos os diferentes domínios nos quais a atividade artesanal era exercida e o lugar cada vez mais considerável que ocupava na vida econômica e social da Grécia. Agora nos falta ver mais de perto sua situação em relação à política, a sua participação na cidade ao lado dos cidadãos.

Que o número dos trabalhadores manuais teve considerável aumento no período estudado é precisamente o que procuramos mostrar nas linhas acima, pois vimos que aumentavam os representantes de cada tipo de trabalho, à medida que se despregavam da antiga situação patriarcal e que, de outra parte, novas profissões não cessavam de se constituir.

OS ARTESÃOS E A POLÍTICA

Quando Aristóteles procura discernir as condições que levaram ao poder o tirano Pisístrato ele não deixa de assinalar no partido que o leva ao poder a presença de um número grande daquelas pessoas que só tinham seus braços para viver⁷. Esse contingente de trabalhadores era muito diverso: incluía chefes de ateliê, pequenos fabricantes, *thetas*⁸. Com as leis de Sólon, que já são resultado desse desenvolvimento artesanal-comercial, a cidade de Atenas assume outra feição política, na qual não apenas os eupátridas podem participar da direção da cidade, mas todos os cidadãos, a partir de uma divisão censitária. A própria divisão em classes econômicas mostra que esse momento é de expansão e crescimento das cidades na Grécia. Essa expansão mercantil acarreta a criação de uma nova distribuição do

⁶ JENOFONTE, op. cit., VIII, 7. PLATON. *La République*. Paris: Belles Lettres, 1956, II.

⁷ ARISTOTE. *Constitution d'Athènes*. Paris: Belles Lettres, 1985, p. 13.

⁸ Homem pobre livre sem propriedade.

poder na cidade. A função de Sólon, nesse momento, foi a de estabelecer as novas regras para a participação, ordenar as dívidas, também proibiu a escravização de atenienses. Tais medidas colocam Atenas em outro patamar para viver esse movimento de crescimento econômico a partir de uma perspectiva na qual os cidadãos, e não apenas os ricos, iriam ganhar com essa expansão. As leis de Sólon sobre a mobilidade do solo, seu parcelamento, o *demos* rural, encontrou apoio entre os artesãos da cidade. Esses *demiurgois* participam dessa luta, pois nesse momento em que Sólon programava sua mudança política eles não gozavam de direitos, eram estrangeiros, nem mesmo podiam portar as armas que eles mesmos fabricavam. A partir desse período seu peso na cidade começa a se fazer sentir. Não se pode duvidar da autenticidade do acordo que em 589 a. C. permitiu que dois artesãos ocupassem o cargo de arconte, juntamente com três camponeses e cinco eupátridas⁹. Como já escrevemos acima, a tirania de Pisístrato estimulou o crescimento do artesanato através de grandes trabalhos que fazem com que Atenas seja uma cidade, na época, do artesão, como também lançou as bases da futura preponderância militar e comercial de Atenas no mundo grego. Esse crescimento exigia homens para trabalhar, já que as vagas existiam. Em cidades como Atenas, Mégara e Corinto, nas grandes cidades da Jônia, os *thetas* encontravam trabalho nos *ateliês*.

Com as reformas de Clístenes em fins do século VI a. C., a democracia, ou melhor, a isocracia, assume o seu contorno efetivo, que se manterá durante o século V a. C. Nessa nova configuração do poder, os artesãos são cidadãos, representam um grupo de “classe média” que participa das assembléias, lutam nas guerras da cidade, portanto vivem politicamente. Com Clístenes os *thetas* tornam-se cidadãos, e a partir da criação de uma armada com Temístocles eles serão dominantes na marinha¹⁰. O desenvolvimento das técnicas de construção náutica também mostra a preponderância dos artesãos nessa democracia. Essa indústria naval precisa de artesãos especializados, já que os trirremes exigiam uma técnica inovadora para o momento, como também a preparação de futuros remadores precisava de novos conhecimentos, como também novas práticas, já que o serviço destes era baseado em um sistema de sincronia dos movimentos¹¹.

⁹ MOSSÉ, Claude. *Le travail en Grèce Ancienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980, p. 30.

¹⁰ CASSON, Lionel. *Los Antiguos marinos: navegantes y guerreros del mar en el Mediterráneo de La Antigüedad*. Buenos Aires: Paidós, 1969, p. 112.

¹¹ GONÇALVES, Jussemar Weiss. *Marinheiros e portos no mundo antigo: história e cultura portuária: 1808-2008*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

No século V a. C., se a terra continuava como a forma aristocrática de riqueza, se a agricultura era a atividade importante para grande parte dos atenienses, o artesanato, encorajado pela expansão comercial e marítima da cidade, crescia em importância. Era preciso não apenas satisfazer as necessidades de uma população crescente, à qual se acrescentava grande número de estrangeiros e escravos, mas ainda fabricar para o comércio: vasos, moedas, armas, enquanto no porto de Pireu a indústria naval estava em plena atividade. É falso dizer que toda a atividade artesanal era realizada por escravos ou estrangeiros¹².

O texto nos mostra de uma forma clara o lugar do artesanato e do comércio na construção de relações políticas constituídas além da estrutura de parentesco como é o caso de sociedades aristocráticas, como as do oriente médio, ou mesmo no período arcaico nas cidades gregas. Notamos que o artesão livre produzindo a partir de suas posses para um comércio também livre, ou seja, composto por grupos diferentes, torna-se elemento importante na construção de uma opção política na cidade de Atenas. Para esse grupo, os vínculos de clientelismo comuns no mundo agrícola representam a sua destruição, por isso o engajamento, o interesse em alterar as condições da sociedade ateniense do fim do século VI a. C. A causa dos cidadãos é a causa dos artesãos. Eles se introduzem na política, participam dos grupos que lutam contra o domínio aristocrático durante a reforma de Clístenes¹³. O texto não quer dizer que os cidadãos se dividiam por sua especialização no mundo do trabalho. Isso seria impossível para a época, mas os cidadãos atenienses eram artesãos e sua condição de artesãos lhes deu condições objetivas para compreenderem o perigo aristocrático que rondava a política desde a saída de Sólon no início do século VI a. C.

A cidade de Atenas cresce política e comercialmente a partir da constituição da isonomia¹⁴, e autores desse período mostram de forma clara a participação dos artesãos no corpo dos cidadãos, como também revelam o caráter positivo ou negativo dessa atuação. Se olharmos a obra *História* de Heródoto, teremos lá uma das mais belas páginas de defesa do modelo político ateniense.

Diz Péricles: “um simples artesão podia entender de política”¹⁵. O que Péricles revela nas frases de Heródoto é uma prática política na

¹² MOSSE, op. cit., p. 32.

¹³ MEYER, Christian. *La naissance du politique*. Paris: Gallimard, 1995, p. 70-102.

¹⁴ Nome usado pelos cidadãos atenienses para designar a forma de organização política da cidade.

¹⁵ HERÓDOTO. *Histoire*. Paris: Belles Lettres, 1971. p. 150.

qual a função específica do cidadão não desqualifica sua participação, mas também, podemos afirmar, mostra como a cidade não tinha preconceitos quanto às atividades artesanais tão comuns no mundo aristocrático. Se o texto de Heródoto mostra um viés positivo dessa participação do artesão, isso não é, contudo, opinião do filósofo, que considera impossível cidadãos artesãos conhecerem os desígnios da direção da cidade. Na *Apologia a Sócrates*¹⁶, Platão nos revela por um lado que a participação do artesão nos negócios da cidade é real, existe, e por outro, expressa sua opinião de uma forma sarcástica sobre essa atuação.

Platão diz: “O que se esperar de uma cidade cuja assembléia é dominada por carpinteiros, ferreira?”.

O certo é que no século V a isonomia que dominou a cidade de Atenas contou com a presença de artesãos de uma forma efetiva e ativa nos negócios cotidianos, e eles, enquanto cidadãos, ajudaram a construir um sistema político no qual todos os politicamente iguais dividiam o poder de forma horizontal na cidade.

¹⁶ PLATON. *Apologie a Socrate*. Paris: Belles Lettres, 1972. p. 67.